

SERRINHA E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Edição Única.




INSTITUTO
FEDERAL
Baiano
Campus
Serrinha



ISBN n° 978-65-01-12333-2

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Ricardo Santos do Carmo Reis - CRB – 5ª / 1649

P149s

Paixão, Carlos Nássaro Araújo da
Serrinha e seu patrimônio arquitetônico em perspectiva histórica/ Carlos
Nássaro Araújo da Paixão, Sarah Catarina Ferreira Santos Nogueira.-
Serrinha, Ba: [s. n.], 2024.
47 p.; il.: color.

Inclui Bibliografia.

1. Serrinha. 2. Memória. 3. Patrimônio histórico-arquitetônico. 4. Cidade.
I. Nogueira, Sarah Catarina Ferreira Santos. II. Título.

CDU:

94(813.8)

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano - *Campus Serrinha*



SERRINHA E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Carlos Nássaro Araújo da Paixão
Sarah Catarina Ferreira Santos Nogueira

IF BAIANO SERRINHA
SERRINHA, BA
2024

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	01.
2. CONHEÇA O PROJETO	07.
3. PATRIMÔNIOS DA CIDADE	08.
3.1 Praça Luís Nogueira e seu entorno	08.
3.1.1 IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA SANT'ANA	10.
3.1.2 CORETO	11.
3.1.3 PAÇO MUNICIPAL	13.
3.1.4 PALACETE DOS NOGUEIRA	14.
3.1.5 CASA DE DR. JOSÉ MOTA (atual itaú)	16.
3.1.6 PRAÇA MIGUEL CARNEIRO	18.
3.1.7 CATEDRAL DE NOSSA SENHORA SANT'ANA E DIOCESE DE SERRINHA	19.
3.2 Estação Ferroviária e seu entorno	20.
3.2.1 PRÉDIOS E DEPÓSITOS	22.
3.2.2 COLÉGIO MUNICIPAL GRACILIANO DE FREITAS E PRAÇA LAURO DE FREITAS	23.
3.1.6 HOSPITAL FERREIRA FILHO	24.
3.3 Bairros ao entorno da estação	25
3.3.1 CRUZEIRO	25
3.3.2 BOMBA	26.
3.3.3 TREZE	28.
3.4 Praça Morena Bela e seu entorno	29.
3.4.1 ORA MORENA BELA, ORA BAIRRO DO GINÁSIO	29.
3.4.2 COLÉGIO ESTADUAL NORMAL DE SERRINHA	32.
3.5 Aos novos locais e trajetos	34.
4. AGRADECIMENTOS	37.
5. SOBRE OS AUTORES	38.
6. REFERÊNCIAS	39.

IF BAIANO SERRINHA

SERRINHA, BA

2024



1. APRESENTAÇÃO

Introduziremos esse texto, convidando - os (as) para um exercício de imaginação. Pedimos que nos acompanhem em um passeio pela cidade de Serrinha - BA. Nosso ponto de partida será a Praça Luís Nogueira. Caminhem pelo jardim central, você é mais um entre as centenas, talvez, milhares de transeuntes que circulam diariamente por aquele local. Ali estão pessoas que podem ou não ser residentes da cidade de Serrinha ou habitantes das cidades vizinhas que vieram resolver todo tipo de demanda. Encontrarão os vendedores ambulantes, mototáxis, os comerciantes de alimentos, na Praça de Alimentação. Do lado direito, sentido Barrocas, as mais variadas casas comerciais. Mas, dois prédios chamam a sua atenção. As ruínas de um edifício que outrora era suntuoso e que abrigava o poder legislativo da cidade, e que também funcionava como cadeia, chamado de Casa do Conselho. Mais à frente, há pouquíssimos metros, uma singela igreja. Peço que preste muita atenção a um pequeno, mas importante detalhe, o seu frontispício e a data que consta nele: 1780. Aquele templo religioso é um símbolo da ocupação e da tomada de posse europeia nessas terras. E a data dá a medida do quão importante foi e é essa praça para se entender a História da cidade de Serrinha. Se você voltar os seus olhos para o centro da praça verá um coreto, que, com toda certeza, foi testemunha de inúmeras manifestações festivas cívicas e culturais. Passando para o outro lado, você pode contemplar um imponente prédio, que no momento atual, ostenta uma pintura em tons de azul. Ali já foi residência de família importante e, também, sede do poder executivo da cidade.

Saindo da Praça Luís Nogueira, em direção à Rodoviária, viramos à direita, na esquina na qual está localizada a agência do Banco do Brasil, na Rua Macário Ferreira, chegamos à Rua Getúlio Vargas. Nessa região da cidade está localizada a Estação Ferroviária, cuja primeira versão data de finais do século XIX, mas o prédio atual é da década de 1940. A Estação é o prédio que mais chama a atenção, no entanto, se vocês voltarem o olhar mais atentamente, perceberão galpões que serviram, em algum momento do século XX, como oficinas para as composições que passavam pela estrada de ferro que ligava a capital da Bahia à cidade de Juazeiro, às margens do Rio São Francisco.

A estrada de ferro é a testemunha de que Serrinha não ficou de fora de alguns dos principais eventos da Segunda Revolução Industrial, mesmo que na condição de estar localizada na periferia da periferia do modo de produção capitalista, que tinha na Inglaterra o seu epicentro. Nesse mesmo espaço, há uma longa balaustrada que denota o esmero com que se tratava aquele que era o principal meio de locomoção e que ligava Serrinha ao mundo, pelo menos até a consolidação da BR 116.

Na mesma região, na Praça Engenheiro Lauro de Freitas, vocês podem ter acesso à Escola Municipal Dr. Graciliano de Freitas. Essa unidade de educação foi construída ainda na década de 1920 do século XX, no primeiro esforço do governo do estado da Bahia em levar educação básica aos mais variados municípios baianos. Para completar o conjunto arquitetônico/urbanístico da região, temos o Hospital Geral Ferreira Filho, que já foi um hotel para aqueles que chegavam à cidade pela estrada de Ferro.

Agora, nos acompanhe da Estação Ferroviária, em direção à atual rodovia BR-116, para a Praça Astrogilda Guimarães, popularmente conhecida como “Morena Bela”. Local de convivência e contando com a presença de bares e restaurantes, podemos situar como marco de sua ocupação a inauguração da Estação de Sericicultura, em 1935, em uma região da cidade ainda considerada rural e desabitada. Esse empreendimento do governo do estado da Bahia buscava dotar a cidade de uma fonte de renda em um período de intensas transformações no estado brasileiro. Você pode estar se perguntando do que estamos falando. Que estação? Mas, e se nos referirmos ao Ginásio, e depois, Colégio Estadual Ruben Nogueira? Pouco tempo depois de ser inaugurada e devido às secas na região, o prédio da Estação deu lugar ao estabelecimento educacional, em 1948. O processo de ocupação da região coincidiu com o advento da rodovia como principal modal de transporte no país, Serrinha estava no caminho da ligação rodoviária entre o norte e o sul do Brasil, o que acabou modificando seu vetor de desenvolvimento urbano.

Às vezes a rotina diária nos impede de ter a exata compreensão do local aonde estamos pisando cotidianamente. Se pararmos para refletir e observar ao nosso redor, as pedras do caminho e os prédios que formam a nossa paisagem estão carregados de significados históricos.

Na praça Luís Nogueira, estamos pisando no mesmo local no qual os primeiros tropeiros que levavam gado do interior para Salvador pisaram. Ao contemplar a igreja, nossa visão se encontra com os primeiros colonos que conceberam aquele largo como a possibilidade de estabelecimento de uma comunidade. Na Estação, hoje trivial e aparentemente sem valor, Serrinha se encontrou com o moderno. A linha férrea ligou o longínquo rincão, via recôncavo, em uma viagem de dias para Salvador, em um traslado de apenas algumas horas. A estação de Sericicultura ligou Serrinha aos planos de intervenção econômica dos governos estadual e federal depois da Revolução de 1930. E o ginásio permitiu aos filhos da terra o acesso a um nível de ensino mais elevado sem que esses precisassem se ausentar da cidade. E a rodovia, margeando seu território, evitou que a cidade caísse no ostracismo de vizinhas outrora importantes como Lamarão e Água Fria.

Segundo Ecléa Bosi, “têm assento nas pedras da cidade presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar.”, ou ainda que, “as pedras da cidade, enquanto permanecem, sustentam a memória”. Cada praça, rua, avenida, casa, ou pedra do calçamento da cidade funciona como um ponto de apoio no qual e a partir daí fatos e personagens possam vir à tona e serem lembrados. (BOSI, 1993, p. 443-447)

Isto tem gerado a produção de diferentes imagens e leituras do urbano, que vai da produção de estatísticas sobre o seu crescimento populacional e da produção de riquezas, passando pela sua relação com a arte e com a literatura e pela abordagem através das suas variadas representações. Diversos historiadores se debruçaram sobre o estudo da cidade após o advento da Revolução Industrial e analisaram a maneira pela qual este espaço criou uma identidade de vida dinâmica e de rápida transformação, conforme as características da modernidade e contrário à vida de mudanças lentas e à conservação das tradições encontradas no campo. Literatos captaram o viver na cidade e indicaram a aventura e o arrebatamento que este espaço, humano por excelência, produzia naqueles que a ele achegavam (WILLIAMS, 1989, p. 315-316). A abordagem da cidade suscita, também, questões referentes à relação entre a história e a memória.

A memória é um objeto complexo que necessita de uma análise mais apurada de suas operações e de suas interações entre o nível individual e o coletivo.

Este é um debate que remonta ao século XIX e que atravessou todo o século XX. Nele encastelaram-se intelectuais das diversas ciências sociais, como filósofos, sociólogos e psicanalistas. As principais questões em disputa giravam em torno do caráter, da natureza e da primazia do individual, das operações mentais e fisiológicas da memória, ou da importância do meio, do grupo social para definir o que deve ser lembrado e como deve surgir a lembrança. No entanto, para fins desse projeto, abordar-se-á a memória a partir de uma perspectiva coletiva e social. O sociólogo durkheiminiano Maurice Halbwachs analisou a memória e a considerou um fenômeno essencialmente coletivo. Ele destacou a força do grupo nas lembranças dos indivíduos, afirmando que é o grupo que dá suporte para as memórias e que ninguém tem a capacidade de ter lembranças individualmente. A mudança de grupo também gera mudança na produção da memória e o distanciamento do meio de convivência pode provocar o apagamento ou enfraquecimento da memória produzida conjuntamente com este (HALBWACHS, 2003). Ele não negligenciou a importância da individualidade neste processo e articulou uma maneira de entender como encaixar a memória individual em um ambiente onde o grupo tem força para definir o que, como e por que lembrar. Para Halbwachs a memória individual seria um ponto de vista, um olhar da pessoa sobre a memória coletiva. O indivíduo seleciona fatos e imagens da memória coletiva e cria o seu cabedal de lembranças, ou seja, neste ponto ele articulou a força do grupo com a capacidade dos indivíduos utilizarem o arcabouço produzido pelo meio social para produzirem suas próprias lembranças.

Na perspectiva da relação entre cidade, memória e patrimônio, são fundamentais as contribuições de Pierre Nora (1993) e a categoria de lugares de memória. Nesse caso, espaços em que se materializam os processos de consolidação de identidades construídas coletivamente, diante de um contexto histórico marcado pelo dismantelamento das comunidades tradicionais. De acordo com o site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,

O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Esta composição está definida na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, elaborada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Paris (França), em 1972, e ratificada pelo Decreto No. 80.978, de 12 de dezembro de 1977. (IPHAN)

O Dicionário de Conceitos Históricos adverte que “a própria delimitação do que é monumento, do que é ou não patrimônio é seletiva, escolhe somente os pontos do passado que queremos lembrar e rejeita os outros” (SILVA & SILVA, 2009, p. 326). E que por isso, é fundamental a reflexão realizada por Le Goff a respeito das implicações entre documento/monumento:

Para Jacques Le Goff, monumento é tudo o que pode evocar o passado e recordar, até mesmo o escrito. Para ele, a diferença entre monumento e documento não está no fato de o primeiro ser vestígio material e o outro, vestígio escrito, mas no fato de que o monumento é voluntariamente selecionado pela sociedade para lembrar o passado que ela escolheu lembrar. O documento, por sua vez, foi visto durante muito tempo pelos historiadores como registro do passado como um todo, ou pelo menos, não apenas daquele passado escolhido pela sociedade como o passado ideal. Le Goff foi mais além afirmando que todo documento tem sua dose de monumento, ou seja, não é imparcial. A crítica ao documento, assim, não é novidade, mas precisamos também fazer a crítica do monumento.” (LE GOFF apud SILVA & SILVA, 2009, p. 326-327).

E todas essas questões precisam se articular com o ensino da História Local. De acordo com Selva Guimarães, O ensino de História foi, durante muito tempo, “um lugar privilegiado para a difusão de uma dada memória” (GUIMARÃES, 2012, p. 235), em geral conservadora e marcada por mitos, preconceitos e estereótipos.

O grande problema é que Pesquisas na área do Ensino de História indicam que: “[...] a fragmentação rígida dos espaços e temas não possibilitam aos alunos o estabelecimento de relações entre os vários níveis, dimensões e escalas. A história do bairro, da cidade, do estado, do país é estudada, muitas vezes, em unidades estanques, dissociadas do resto do continente ou do mundo.” (GUIMARÃES, 2012, p. 240). Nesse caso, a autora defende o seguinte:

[...], o local é uma janela para o mundo. Cabe a nós romper com as dicotomias, os didatismos que nos impõe segmentação, [...]. O mundo está dentro das nossas casas, nas diferentes localidades. Nosso cotidiano é perpassado pelas coisas do mundo. [...]. A história local pode ter um papel significativo na construção de memórias que se inscrevem no tempo longo, médio ou curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade da duração. [...]. Os nomes das ruas em que os alunos moram podem dar início a uma pesquisa” [...]. Acreditamos que não há uma oposição entre ensinar história local/regional e história nacional. [...]. Os fenômenos gerais ocorrem em escala local. (GUIMARÃES, 2012, p. 244-245).

Nesse caso, a articulação entre memória, patrimônio e ensino de história local, busca abordar, através de estudos de caso, de que maneira a História de Serrinha se relaciona, dialeticamente, com as Histórias da Bahia, do Brasil e Geral. Eis alguns exemplos práticos de que maneira essas questões podem ser consideradas: a chamada “Igreja Velha”, localizada na Praça Luís Nogueira, datada do final do século XVIII, pode ser um pretexto para se discutir, além dos processos de fundação da cidade, em particular, o contexto de ocupação e colonização do interior do sertão do Brasil e da construção da chamada “Civilização do Couro”. No caso da estação ferroviária, datada da década de 1880, é possível compreender de que maneira a chegada da Ferrovia foi um fator de transformação na história e na dinâmica urbana de Serrinha, e, mais além, perceber, o contexto de transformações mais profundas que geraram a crise e queda da Monarquia no Brasil, e, ainda, as reverberações da Revolução Industrial no Sertão da Bahia.

Esses são alguns exemplos de como, a contextualização dos prédios aludidos em um contexto de processos históricos mais abrangentes são fundamentais para o objetivo em que “Ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, [...], fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no meio em que vivem como cidadãos críticos.” (GUIMARÃES, 2012, p. 240).

2. CONHEÇA O PROJETO

O projeto intitulado *Serrinha e seu Patrimônio Arquitetônico em Perspectiva Histórica* traz uma reflexão que relacione as categorias conceituais de Cidade, Memória e Patrimônio Cultural e Histórico e as suas implicações para um ensino de história local que faça sentido para docentes e estudantes do Território do Sisal, especialmente da cidade de Serrinha-BA. A cidade possui alguns prédios que podem ser enquadrados na condição de patrimônio histórico e arquitetônico, tais como a Estação Ferroviária, de fins do século XIX; a chamada "Igreja Velha", uma construção de fins do século XVIII; praças e prédios escolares que datam da primeira metade do século XX. A partir disso, realiza-se uma abordagem do patrimônio histórico e arquitetônico, e seus lugares de memória, de que maneira a História de Serrinha se relaciona, dialeticamente, com as Histórias da Bahia, do Brasil e Geral. Subjacente a essa proposta, pretende-se compreender os desafios e possibilidades da abordagem da História Local para o Ensino de História, em todos os níveis de educação básica e levar essas reflexões às escolas públicas da cidade de Serrinha através da confecção da presente cartilha com análise consubstanciada e contextualizada sobre a construção, transformação e atual função dinâmica urbana na cidade, de forma a servir como subsídio para docentes e discentes trabalharem a articulação do ensino de história da cidade.

3. PATRIMÔNIOS DA CIDADE

3.1 PRAÇA LUÍZ NOGUEIRA E SEU ENTORNO

Os primeiros bairros da cidade de Serrinha só começam a surgir em 1891, quando já emancipada como município a que antes fazia parte de Irará. Serrinha, a qual se encontrou na situação de povoado, vila e, depois, cidade, tem-se uma participação em três momentos distintos políticos do Brasil: Colônia em 1723, quando o "Sítio Serrinha" foi comprado; o Brasil Império de 1822 até 1889 e por fim o Brasil República de 15 de novembro de 1899 até os dias atuais. Apesar do surgimento dos primeiros bairros em 1891, na prática, só existia apenas um bairro denominado Centro histórico, que se estendia do Sul até a linha do trem, do norte até a Praça Castelo, atual praça Miguel Carneiro, do leste ao cemitério paroquial e por fim do oeste até a praça Astrolgilda Guimarães.

FIGURA 01: Visão de cima da Praça Luís Nogueira



fonte: https://www.youtube.com/results?search_query=serrinha++bahia++brasil, adaptado por Anadeje Câmpelo, 2018.

A Praça Luiz Nogueira passou por importantes transformações até chegar à sua forma atual. A primeira mudança ocorreu em 1838, quando era chamada de Praça Matriz; a segunda, em 1880, quando foi denominada Praça Manoel Victorino; e a terceira e atual designação foi dada em 1918 como Praça Luís Osório Nogueira. Meinking (2002) relata que a antiga praça, sem calçamento e com grandes árvores como tamarineiros e barrigudas, servia de ponto de repouso para tropeiros e "tucanistas" – como eram chamados aqueles que vinham de Tucano e de outras localidades em direção a Feira de Santana.

As grandes árvores da praça foram derrubadas e substituídas por muitos oitizeiros, todos plantados junto ao meio-fio das calçadas. Foram também construídos três canteiros com flores, que existem até hoje, contornando os jardins que possuíam portões de ferro. O jardim central tinha um chafariz alimentado com água vinda do Tanque das Abóboras.

O grande aspecto urbanístico da praça marca um período de transição na arquitetura, no paisagismo e na sociabilidade do local. Alguns imóveis antigos que antes serviam de casas foram aos poucos substituídos por prédios comerciais. Com essas mudanças urbanísticas, um novo perfil de usuários começou a moldar-se a outras dinâmicas de comércio, serviço e lazer. Alguns poucos prédios resistiram ao tempo e às mudanças mobiliárias, conferindo um aspecto de ambiente urbanístico com pequenos resquícios de épocas antigas.

Este espaço desempenhou diferentes funções conforme a passagem do tempo. De pouso de tropeiros, em um contexto de ocupação do território dos sertões daquilo que um dia será o interior do Brasil, ao atual local de comércio e atividades bancárias e de convivência social. Nesse intervalo, a praça foi o marco zero da urbanidade, o centro da religiosidade local e o centro do poder nas primeiras décadas da Serrinha Republicana. A sua própria instalação, com o nome atual, diz respeito às mudanças políticas ocorridas no estado da Bahia. Luiz Nogueira, intendente municipal nomeado pelo governador J. J. Seabra, chegou ao município pelos trilhos da estrada de ferro e imbuído das ideias da modernidade urbanística.

Os prédios descritos abaixo são testemunha da passagem do tempo e se apresentam como camadas que se acumulam. Estão dispostos lado a lado prédios que remontam a diferentes temporalidades. Uma igreja do século XVIII, um prédio público e um coreto do século XX e casas comerciais instaladas a partir XXI.

3.1.1 IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA SANT'ANA

Como marco histórico da formação da cidade de Serrinha, temos a Igreja Matriz de Nossa Senhora Sant'Ana, considerada pelo IPAC como uma das mais raras edificações de valor artístico do século XVIII. É a única desse tipo na região nordeste da Bahia e o mais importante monumento histórico que a cidade possui. A data exata de sua construção é desconhecida, pois não há documentos que comprovem sua origem, mas é referenciada como sendo de 1780, conforme inscrito em seu frontispício. Sua construção foi ordenada pela esposa do Sr. Bernardo Silva, sempre referenciado na memória local como o fundador da cidade, e a partir daí o povoado foi construído no entorno da igreja.

Em 1º de julho de 1838, a igreja recebeu uma elevação de valor monumental, com decoração rococó e neoclássica, sendo elevada à sede da freguesia matriz. Anos depois, com a construção da Catedral "Igreja Nova", que se tornou a atual sede da diocese localizada na Praça Miguel Carneiro, a Igreja Matriz, situada na Praça Luís Nogueira, passou a ser chamada de "Igreja Matriz Velha", ou Santuário de Senhora Sant'Ana. Apesar disso, algumas tradições foram preservadas, como a Procissão de Ramos, a Procissão do Fogaréu e a festa da padroeira. (Câmpelo, 2020)

FIGURAS 02 E 03: Interior e Exterior da Igreja Matriz Nossa Senhora Sant'ana

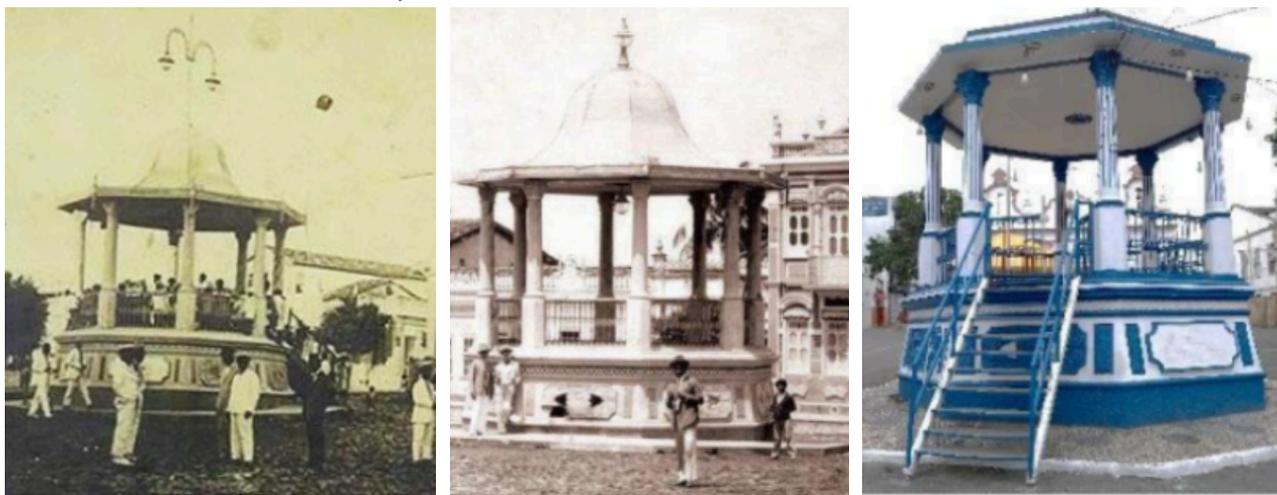


Fonte: Anadeje França Câmpelo

3.1.2 CORETO

O Coreto, por sua vez, é provavelmente a principal referência arquitetônica da praça. Apesar da subutilização do seu espaço interno, ele simboliza a interseção entre o passado e o presente da história da cidade. Apesar das muitas transformações que sofreu, ainda mantém viva a tradição, a centralidade, a poética e a estética (CÂMPELO, 2020). Assim como no passado, as raras apresentações realizadas atualmente no coreto ainda despertam a atenção e a emoção do público, especialmente durante as celebrações juninas e natalinas. No entanto, a pesquisa não identificou nenhuma medida de preservação desse patrimônio por parte do poder público municipal, exceto por serviços pontuais de manutenção, como pintura e alguns reparos estruturais. Também não existe registro de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC).

FIGURAS 04, 05 E 06: Coreto em suas diferentes fases e versões



Fonte: Museu Pró Memória de Serrinha e Franco, Adaptado por Anadeje França Câmpelo, 2018.

Evidencia-se que o coreto foi construído na gestão do intendente Luís Osório Rodrigues Nogueira. A primeira imagem, datada trinta e um de dezembro de 1927, mostra uma cúpula e iluminação a base de gás acetileno alimentando dois globos suspensos em haste metálica. Também é notável a presença de civis dentro e fora do coreto, provavelmente por uma apresentação musical realizada pela Filarmônica 30 de Junho.

Na segunda imagem constata-se que os globos foram substituídos por uma lâmpada movida a energia elétrica sobre a cúpula. Ao fundo é possível ter a visão parcial do chamado Palacete dos Nogueira.

Evidencia-se que o coreto foi construído na gestão do intendente Luís Osório Rodrigues Nogueira. A primeira imagem, datada trinta e um de dezembro de 1927, mostra uma cúpula e iluminação a base de gás acetileno alimentando dois globos suspensos em haste metálica. Também é notável a presença de civis dentro e fora do coreto, provavelmente por uma apresentação musical realizada pela Filarmônica 30 de Junho.

Na segunda imagem constata-se que os globos foram substituídos por uma lâmpada movida a energia elétrica sobre a cúpula. Ao fundo é possível ter a visão parcial do chamado Palacete dos Nogueira.

3.1.3 PAÇO MUNICIPAL

No local onde se situava a casa de Bernardo da Silva, foi construído o Paço Municipal, ao lado da Igreja Matriz de Sant'Anna. Na praça urbanizada pelo intendente Luís Nogueira no início do século XX, foram erguidos tanto o coreto quanto o Paço. Atualmente, o casarão encontra-se em ruínas.

FIGURAS 07, 08, 09, 10, 11 e 12: Atual Estado do Paço Municipal



Fonte: acervo dos autores (2023)

O Paço Municipal, atualmente interditado devido ao seu estado de conservação precário, foi outrora o centro político da cidade. Era o local de debates, alianças e divergências políticas para a indicação de intendentes, escolha de prefeitos e composição do Conselho Municipal. Além de sua arquitetura suntuosa, o Paço representava a voz do povo.

3.1.4 PALACETE DOS NOGUEIRA

O palacete, datado da década de 1915 e com dois andares, serviu como residência de Luiz Osório Rodrigues Nogueira e sua família. A casa de Antonio Rodrigues Nogueira e Miquelina Carneiro da Silva Ribeiro (pais do intendente Luís Nogueira e de mais dez filhos) também é destacada, com a letra "N" dos Nogueira em destaque na platibanda. No desenho em nanquim elaborado por Anadeje de França Campêlo, baseado em uma fotografia, podem-se ver detalhes do ornamento.

FIGURA 13: Platibanda ilustrada



Fonte: Câmpelo, 2018.

O palacete dos Nogueira, onde residiam Luís Nogueira e sua esposa Áurea, ainda está de pé. Este edifício já foi sede da Prefeitura. A casa ao lado, que pertenceu a Miroró Paes, abrigou o Conselho Tutelar. Este prédio exerceu durante muitos anos uma forte influência política em Serrinha. A família Nogueira era bastante numerosa e fiel às tradições locais. O palacete era famoso por seus grandes eventos, como bailes, recitais e audições de música e canto. Atualmente, o prédio é ocupado por órgãos da prefeitura, embora necessite de reparos em toda a sua estrutura.

FIGURAS 14, 15 E 16: Diferentes fases e versões do Palacete dos Nogueira.



Fonte: Museu Pró Memória de Serrinha, Nogueira (2007) e Câmpelo (2018)

A primeira imagem é datada da década de 1915, onde o prédio serviu de residência de Luís Osório Rodrigues Nogueira e família. Na segunda imagem, de 1993, o prédio foi adquirido e reformado pela prefeitura de Serrinha para servir de sede do governo municipal na gestão do 20 intendente (nesse momento, prefeito) Claudionor Ferreira da Silva Filho (Ferreirinha), e sua arquitetura ainda é preservada. A terceira foto data de 2018, onde o prédio abrigou O Posto de Apoio da Guarda Civil Municipal da cidade e órgãos semelhantes. Atualmente, o prédio se encontra em situação precária externamente e internamente, e não é tombado pelo IPAC.

3.1.5 CASA DE DR. JOSÉ MOTA

Onde atualmente é o parque infantil na praça Luís Nogueira, antes era um jardim. Inicialmente, esse parque foi batizado com o nome do seu idealizador, Zé Mota. O parque possui uma área total de 580 metros quadrados composta por frondosas árvores, boa ventilação e iluminação, espaço recreativo para crianças (playground) com balanços, escorregos, bancos e itens decorativos.

Em frente ao Parque, hoje situa-se a agência bancária do Itaú. O local onde se localiza tal prédio correspondia ao chamado casarão da Família Mota, pertencendo ao médico José Mota da Silva (conhecido como doutor Zé Mota), herança dos seus pais. Um de seus filhos faz o relato sobre a perda do prédio:

“Começaram a aparecer umas estranhas rachaduras nas paredes de toda a casa. Várias vezes à noite acordamos com uns fortes estalos, que acordava a todos. As rachaduras eram consertadas e voltavam. Algo estava errado. Resolvemos trazer dois engenheiros amigos para estudar o problema. Quatro meses após o estudo, foi verificado que havia uma diferença em algumas marcas feitas nas paredes de até 1,5 cm. A casa pode desabar a qualquer momento, se ela entrar em processo de ruir cairá toda de vez. Se cair em cima da família será uma tragédia, mas além disso pode matar também pessoas passando no passeio e vocês serão responsabilizados. Fomos julgados e condenados por algumas pessoas, que chegaram a dizer que havia sido ganância dos herdeiros de Dr. José Mota, que só pensavam em dinheiro. Aos julgadores eu deixo aqui uma pergunta: se fosse sua família vocês ficariam embaixo de uma casa com madeiras enormes e 11.000 telhas e adobes de 4 a 5 quilos nas paredes? Pois essa é em poucas palavras a razão verdadeira da demolição da casa, que ao ser demolida levou nos seus escombros um grande pedaço da vida dos herdeiros de José Mota e Margarida.”

FIGURAS 17 E 18: Casarão da Família Mota e atual Itaú.



Fonte: Museu Pró Memória de Serrinha e Câmpelo (2018)

3.1.6 PRAÇA MIGUEL CARNEIRO

Antes da construção da Catedral de Nossa Senhora Sant'ana e Diocese de Serrinha, a praça foi apelidada pelos moradores de "Praça da Usina" pelas atividades de uma usina de energia. Não se sabe exatamente quando suas atividades foram desativadas. Atualmente a praça Miguel Carneiro é conhecida popularmente como "Praça da Igreja". Essa localização é ponto de transportes informais para outras cidades, como o município de Biritinga.

Ao lado da catedral se situa, também, o Centro Espírita Deus Cristo e Caridade, fundado em 1949, e que abriga todos os dias centenas de espíritas. Fica ainda nesta praça um grande supermercado, lojas e residências e está situada no centro histórico da cidade.

FIGURA 19: vista de cima da Praça Miguel Carneiro



Fonte: Nunes (2013)

3.1.7 CATEDRAL DE NOSSA SENHORA SANT'ANA E DIOCESE DE SERRINHA

De acordo com a Lei número 69, aprovada pela Câmara de Vereadores de Serrinha em 23 de agosto de 1951, a Igreja Católica garantiu a doação do terreno que pertencia à Prefeitura Municipal, onde funcionava a usina de energia na Praça Miguel Carneiro (apelidada de Praça da Usina na época). O padre Carlos Olímpio Sylvio Ribeiro lançou a pedra fundamental da Igreja Nova (hoje, catedral basílica) em 8 de setembro de 1952. Portanto, este fato histórico completa 72 anos. É dessa maneira que se constrói a história da Diocese criada pelo Papa Bento.

O sonho de Serrinha se transformar numa diocese foi do padre Carlos Ribeiro, membro de uma tradicional família serrinhense, filho de Joaquim Sylvio Ribeiro e Francisca Murta Ribeiro, com raízes no Maracassumé, e sobrinho do primeiro intendente da cidade, Marianno Sylvio Ribeiro (1891-1894). Em 1932, o padre Carlos implantou a procissão do fogaréu, uma manifestação religiosa popular que realizava no Bonfim, hoje a terceira mais antiga da cidade, perdendo apenas para a festa de Corpus Christi.

A ideia de se construir um grande templo, que algum dia poderia ser a sede da diocese, surgiu com a Igreja Nova. Embora Serrinha ainda não fosse diocese, o padre Carlos lançou a pedra fundamental da construção da Igreja Nova em 1952. Não se sabe quem fez a planta deste templo, mas a base da igreja permanece no local até hoje e nunca foi alterada. A torre da igreja, inicialmente, parecia torta, mas nunca caiu. (Franco, 2023)

FIGURAS 20 E 21: Interior e Exterior da "Igreja Nova"



Fonte: Câmpelo (2018)

3.2 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA E SEU ENTORNO

Antes da chegada da ferrovia à cidade, o trajeto de Serrinha a Salvador (então capital da Província da Bahia) era feito por tropas de burros até a cidade de Cachoeira, e de lá, seguia-se de transporte a vapor até a capital. De acordo com Franco, em seu artigo "O último apito do trem na estação da Leste em Serrinha", o autor reconhece que "a instalação do sistema ferroviário em Serrinha foi o fato mais relevante de sua história". O trem trouxe a engenharia, a medicina, a advocacia, a organização sindical, a hotelaria, além de reduzir o tempo de deslocamento até Salvador em cerca de seis horas. A ferrovia também foi responsável pela instalação da comunicação instantânea via telégrafo, do comércio e da indústria nascente do algodão e do tabaco. O trem foi, de fato, uma revolução sem precedentes na história da localidade."

A chegada da ferrovia à Serrinha fez com que a cidade tivesse contato com o que havia de mais moderno em relação a transportes e comunicação no mundo. As linhas da estrada de ferro trouxeram a Revolução Industrial e as pegadas do capital estrangeiro para as bandas do sertão da Bahia. Como referido no parágrafo anterior, o trem ligou Serrinha com o mundo moderno, de maneira irreversível.

FIGURA 22: atual estado da Estação Ferroviária



Fonte: acervo dos autores (2023)

Na década de 1960, a partir da mudança do principal modal de transporte, a ferrovia foi desativada para o transporte de passageiros, restando apenas a recordação afetiva de um período próspero para aqueles que testemunharam de perto essas transformações.

FIGURAS 23, 24, 25 E 26: Atual estado da Estação Ferroviária.



Fonte: Nogueira (2022) e autores (2023)

3.2.1 PRÉDIOS E DEPÓSITOS

Mesmo com o estado de conservação bastante precário, a estação ferroviária ainda guarda registros importantes de uma época histórica para Serrinha e região. A estrutura remanescente permite aos atuais visitantes um contato visual com o que restou do sistema ferroviário no município, oferecendo uma visão nostálgica de um período em que o trem era o principal meio de transporte e desenvolvimento local.

A estação, embora desativada para o transporte de passageiros, permanece como um testemunho silencioso do impacto que a ferrovia teve na vida econômica, social e cultural da cidade. Ela serviu como um ponto de encontro para os moradores, um símbolo de progresso e modernidade, e um elo de conexão entre Serrinha e outras regiões. As histórias e memórias associadas à estação são um patrimônio imaterial que ainda ressoa com a comunidade local.

Atualmente, a estação serve apenas como base de apoio à rede de transporte de cargas, mas sua importância histórica e cultural não deve ser subestimada. O local é um potencial ponto de interesse para iniciativas de preservação e revitalização, que poderiam transformar a estação em um espaço dedicado à memória ferroviária, atraindo turistas e entusiastas da história ferroviária. A preservação e valorização desse patrimônio são essenciais para manter viva a história de Serrinha e sua ligação com o desenvolvimento ferroviário.

FIGURAS 27 E 28: Prédios e Depósitos que rodeiam a estação, que antigamente pertenciam a Leste Brasileiro.



Fonte: acervo dos autores (2023)

3.2.2 COLÉGIO GRACILIANO DE FREITAS E PRAÇA LAURO DE FREITAS

Conhecido apenas como Colégio Graciliano de Freitas, A construção da Escola Graciliano Marques Pedreira de Freitas foi feita com o auxílio do Governo do Estado mediante contrato celebrado em 8 de fevereiro de 1928, (que também é data da inauguração da escola) durante a administração do governador Francisco Góis Calmon. Já a praça Lauro de Freitas, conhecida popularmente como Praça da Estação ou Praça em frente ao Hospital Ferreira Filho tem como data de restauração urbanística e arquitetônica 10 de junho de 2007. A escola em questão foi o símbolo de uma primeira iniciativa de um governo do estado da Bahia para minimamente dotar as cidades do interior com prédios escolares que pudessem atender às suas populações. Iniciativa que atendeu, além de Serrinha, cidades como Cachoeira, Santo Antônio de Jesus, Guanambi, Itaberaba, Rio de Contas, Alagoinhas, entre outras.

FIGURAS 31, 32 e 33: Vista Frontal do Colégio Graciliano de Freitas e Placas de Inauguração e Revitalização da Praça Lauro de Freitas



Fonte: acervo dos autores (2023)

3.2.3 HOSPITAL FERREIRA FILHO

A ferrovia não apenas impulsionou o crescimento econômico do município, mas também trouxe uma nova dinâmica social e cultural para a região. Os serrinhenses foram, gradativamente, incorporando a modernidade vinda da capital e de outras regiões da Bahia. Viajantes, veranistas e celebridades, como o Padre Cícero, além de políticos e comerciantes trazendo mercadorias como luvas, chapéus, seda, veludo e espartilhos vindos de Juazeiro com destino a Salvador, pernoitavam em Serrinha nas instalações do Hotel Valverde.

Este hotel, situado na Rua da Estação (hoje Rua Antônio Pinheiro da Mota), pertencia à família da musicista e escritora Maria da Glória Valverde Meinking. Em seu livro “Minhas Lembranças de Serrinha” (2002, p. 29), Maria da Glória ressalta a importância do Hotel Valverde para a cidade. Ela afirma que qualquer relato ou escrito sobre o passado de Serrinha deve obrigatoriamente registrar e citar o nome do Hotel Valverde, que foi, durante muito tempo, um dos principais pontos de referência da cidade. Era para lá que convergiam todas as pessoas importantes que chegavam a Serrinha, a maioria já trazendo no bolso do colete o nome do Hotel Valverde. A Localização, Arquitetura e dito popular indicam que este hotel é hoje o Hospital Ferreira Filho.

FIGURAS 34 e 35: Hospital Ferreira Filho atualmente.



Fonte: acervo dos autores (2023)

3.3 BAIRROS AO ENTORNO DA ESTAÇÃO

3.3.1 Cruzeiro: Filho da Estrada de Ferro (FRANCO, 2023)

(A partir daqui os títulos a respeito dos bairros que rodeiam a Estação Ferroviária são encontrados na obra *A História dos bairros de Serrinha*, de Tasso Franco)

Havia, pelo menos até a década de 1960, um cruzeiro - construção em alvenaria de aproximadamente 2.5m x 2.5m com uma cruz encimando-a- que ficava num platô logo após a subida da rua principal. Esse cruzeiro - que não se sabe quem foi o construtor - se situava num campinho de bola e tudo o mais à vista da Serrinha era mato, sítios, um deles, posteriormente, de Vicente Campos.

Não há um registro histórico documental dos primórdios na Câmara de Vereadores a respeito do surgimento do cruzeiro. É provável que, com a construção da ferrovia, na quadra final do século XIX, alguns operários que trabalharam na obra e não foram contemplados com as casas da Leste Brasileiro, tenham se agrupado num arruamento depois da linha do trem, surgindo, assim, numa relação de compadrio e consentimento dos proprietários das terras locais - possíveis fazendolas - o bairro do Cruzeiro.

3.3.2 Bomba: da máquina que abastecia os trens (FRANCO, 2023)

O bairro da Bomba é o 2º mais antigo de Serrinha e algumas de suas áreas se confundiam, na origem, com o Centro Histórico, hoje Centro. Nasceu com a implantação da Estrada de Ferro, inaugurada em 18 de novembro de 1880, ainda no Império, com Dom Pedro II.

A Vila de Senhora Sant'Anna de Serrinha era a maior localidade entre Alagoinhas (Estação São Francisco) e a Vila Nova da Rainha (Senhor do Bonfim), portanto, precisava ter uma base para as máquinas - oficina de consertos, engenharia, residências - e a necessidade de água para abastecer todo esse sistema. Ademais, a linha do trem estava prevista no projeto original da Junta da Lavoura para ir até Juazeiro. De Serrinha e Bonfim as obras duraram mais 7 anos e entre Bonfim e Juazeiro mais 9 anos (1896). A base inicial de apoio a extensão da linha até Bonfim - Barrocas Santa Luz, Queimadas - era Serrinha e o governo imperial decidiu construir um açude à jusante da estação, área Oeste da Vila com a missão de fazer esse abastecimento.

As locomotivas apelidadas de Maria Fumaça eram impulsionadas por um motor a vapor. As bombas manuais que, na origem, abasteciam as máquinas, foram substituídas por uma bomba hidráulica que transportava a água por canos de metal até uma caixa d'água a 100 metros da estação (na direção Leste) e através de uma abastecia as máquinas, a estação que possuía um salão de passageiros, sanitários, o Hotel da Leste e as casas dos ferroviários. É exatamente a partir dessa bomba que a população da vila e depois da cidade (a partir de 1891) apelida o reservatório de água da Leste Brasil com o nome de Açude da Bomba. E, com o passar dos anos, o bairro passou a ser chamado e efetivado na divisão territorial como Bomba.

Com o advento das locomotivas a óleo diesel a bomba entrou em desuso e o sistema ferroviário, como um todo, entra em decadência quando o Brasil adotou de forma mais dinâmica o sistema rodoviário, em Serrinha, a abertura da BR-116 Norte (Rio-Bahia) asfaltada.

O açude da Bomba não existe mais. Atualmente recebe o esgotamento sanitário dos bairros Rodagem, Santa e Oseas. Ainda existe uma lamina d'água (no d'agua) com um capinzal e todos os quadrantes do antigo açude foram sendo aterrados, aos poucos, com a construção de casas até mesmo em cima do antigo pontilhão. A tendência é desaparecer de vez na medida em que o esgotamento sanitário seja concluído.

3.3.3 Treze: o mais simples na linha do trem (FRANCO, 2023)

Um dos mais singelos de Serrinha, e atualmente conhecido como um dos mais perigosos, o bairro dos Treze está localizado na zona Sudoeste da Cidade com rua principal à beira do trilho dos trens. Há indagações de como teria surgido o nome desse bairro - na origem, da terceira etapa da estrada entre Serrinha Bonfim (1880/1900), se representa o KM-13 da estrada férrea ou se um aglomerado de 13 casas. A versão mais aceita é KM-13, mas, ainda assim, fica a dúvida.

3.4 PRAÇA MORENA BELA E SEU ENTORNO

4.4.1 ORA MORENA BELA, ORA BAIRRO DO GINÁSIO

A praça Astrogilda Guimarães e sua relação com o prédio intitulado Colégio Estadual Rubem Nogueira têm de características e afinidades quanto a historicidade de ambas existências. Até então, a Praça Luís Nogueira era o principal centro urbano de Serrinha, onde foi se adequando a mudanças no eixo de desenvolvimento da cidade enquanto os prédios residenciais davam lugar aos estabelecimentos comerciais. E a partir dessas transformações, surgiu um novo desenho de sociabilidade.

O que hoje é chamado de Morena Bela, antes era bairro do Ginásio. O bairro do Ginásio tem sua história alicerçada em três momentos históricos até sua consolidação. O primeiro momento ocorreu em 1935, quando o governador getulista Juracy Montenegro Magalhães decidiu instalar uma Estação Experimental de Sericicultura (produção do bicho-da-seda) em Serrinha, através do decreto nº 9670. A construção, realizada entre 1935 e 1937 sob a responsabilidade do engenheiro Orlando Teixeira, custou 800.000.000\$ (oitocentos mil contos de réis) e foi concluída em 1938. Apesar do projeto promissor, a sericicultura enfrentou dificuldades devido à seca prolongada (seca de 1930) e à falta de suporte técnico. Em 1943, a estação foi convertida em local de estocagem e distribuição de leguminosas e cereais. Inicialmente, a área onde foi construída a Sericicultura era rural, cercada e com um portão fechado e um tanque.

Apesar do projeto promissor, a sericicultura enfrentou dificuldades devido à seca prolongada (seca de 1930) e à falta de suporte técnico. Em 1943, a estação foi convertida em local de estocagem e distribuição de leguminosas e cereais. Inicialmente, a área onde foi construída a Sericicultura era rural, cercada e com um portão fechado e um tanque.

O segundo momento ocorreu em 1948, quando o deputado Rubem Nogueira (filho de Luís e Áurea Nogueira) apresentou um projeto de lei que foi aprovado, criando ginásios regionais em cidades como Jequié, Itabuna, Caetité, Canavieiras e por fim, Serrinha.

O Ginásio Estadual do Nordeste começou a funcionar em sede provisória na Prefeitura em 1952, e em 1953, foi transferido para a antiga sede da Sericicultura.

A inauguração do chamado Ginásio Regional do Nordeste se deu em 1960. Em 1961 seu nome foi alterado para Ginásio Estadual Rubem Nogueira. E, finalmente, em 1981 passou a se chamar Colégio Estadual Rubem Nogueira, localizado na Praça Astrogilda Guimarães, e que se mantém até hoje.

O terceiro momento ocorreu no governo municipal de Josevaldo Lima (1983-1988) e estadual de João Durval Carneiro, com a urbanização do largo em frente ao ginásio e a construção de uma área ajardinada com concha acústica e quiosques, nomeada Praça Astrogilda Paiva Guimarães (provavelmente como uma homenagem à presença da professora no Colégio Rubem Nogueira) e popularmente conhecida como Praça Morena Bela. Esse processo de formatação do bairro se deu ao longo de mais de 80 anos, situando-se no coração da cidade.

Com a criação da Praça Morena Bela, o ponto mais movimentado de lazer noturno se deslocou da Praça Luís Nogueira para o novo local, atraindo bares, restaurantes e pizzarias. No entanto, a Praça Luís Nogueira ainda mantém seu espaço para festas cívicas e eventos populares. Hoje, o tradicional bairro do Ginásio está totalmente estruturado e sem áreas para expansão.

FIGURA 36: Colégio Rubem Nogueira durante o período de construção



Fonte: Museu Pró Memória de Serrinha

FIGURA 37 e 38: Colégio Rubem Nogueira em 2018 e em 2023



Fonte: Câmpelo (2018) e autores (2023)

3.4.2 COLÉGIO ESTADUAL NORMAL DE SERRINHA

Atualmente localizada na Rua André Negreiros Falcão, a poucos metros de distância da Praça Morena Bela, a Escola Normal de Serrinha, encarregada pelo Governo do Estado, conta com nível de escolarização do Ensino Médio... O que poderia ter de diferente em outras instituições de ensino para que esta fosse denominada como "Normal"? Trata-se do ensino destinado aos Normalistas, estudantes, em sua maioria mulheres, que completavam sua escolarização de nível colegial (hoje, ensino médio), junto a uma formação, nesse caso o Magistério.

Num tempo não tão distante, muitos no território baiano completavam a escolarização do nível colegial (hoje, ensino médio) junto a uma formação, geralmente Magistério ou Contabilidade, porém, no município de Serrinha não existia uma instituição capaz de formar sujeitos para o Magistério ou Contabilidade. As pessoas teriam de ir a um local que oportunizasse a formação acadêmica, sendo Feira de Santana ou Salvador os locais mais próximos e propícios, nesse contexto.

Então, em 17 de março de 1956 é instalada a Escola Normal de Serrinha, em sessão solene realizada na sede da Associação Cultural Serrinhense (ACS), concretizando o sonho do município e da Região Sisaleira de ter uma unidade de ensino que diplomava professores, facilitando o acesso de uma formação acadêmica aos cidadãos não apenas de Serrinha, mas de demais municípios próximos, estes localizados no Território do Sisal. A instituição encontrava-se localizada quase na saída da cidade, na residência do Agrônomo encarregado da Sericultura, onde hoje é o Posto Médico de Saúde.

A reflexão acerca das chamadas Normalistas é relacionada com atuais Técnicas de Enfermagem e Auxiliares de Técnicas de Enfermagem, seja da enfermagem hospitalar ou enfermagem do trabalho. Por volta do ano de 2010, muitas mulheres do Território do Sisal buscavam uma formação técnica a fim de exercer uma profissão.

É instalado então a Escola Técnica de Enfermagem Andaraí, atualmente localizada na Rua Álvaro Augusto. De 2020 até os dias atuais o número de mulheres (recém-formadas ou não) que buscam a formação no campo da enfermagem aumentou drasticamente, principalmente oriundas dos municípios Biritinga e Barrocas (vizinhos do município de Serrinha). O público supracitado, quando não é empregado pelos hospitais municipais presentes no Território do Sisal, procuram maiores horizontes na região metropolitana de Feira de Santana, capital Baiana de Salvador e semelhantes.

A mesma lógica acontece no Território de Pojuca, cidade que cresceu a base do seu setor petrolífero que atualmente é controlado pela PetroReconcavo com operação no Polo Miranga e Catu, possuinte de setor petrolífero definido, e o setor comercial igualmente desenvolvido. Quando se descobre a possibilidade de encontrar petróleo nessa região, também se descobre a possibilidade de empregar cidadãos regionais para se envolver nesse trabalho, sendo instituídos e popularizados os cursos técnicos em Petróleo e Gás, bem como o curso de Segurança do Trabalho.

Evidencia-se o poder e influência de uma profissão na dinâmica urbana de determinado local. Funcionou desta forma com as chamadas Normalistas. Atualmente, no território de Catu, Pojuca e Alagoinhas, é comum encontrar cidadãos com as formações técnicas profissionais no ramo Petrolífero, da mesma forma que no Território do Sisal é comum encontrar, em sua grande maioria, mulheres com formação técnica profissional no ramo da enfermagem.

3.5 AOS NOVOS LOCAIS E TRAJETOS

As origens dos bairros em Serrinha se deram em função das dez estradas que cortam a malha urbana de Leste a Oeste; e de Norte a Sul o que faz com que, também, a cidade seja o segundo maior entroncamento ferro-rodoviário do Nordeste do Estado sendo superada apenas por Feira de Santana. A primeira estrada que deu origem ao povoado e o Entorno da Luís Nogueira foi o trajeto das boiadas aberto no século XVII para a condução do gado a partir das fazendas da região entre Itapuã e Praia do Forte, e que seguia margeando o rio Pojuca, Alagoinhas, Água Fria, Serrinha e Tucano, se dirigindo até Pernambuco e onde antes já existia um sítio chamado Serrinha. Não há registro de quais foram os primeiros habitantes desta fazenda.

A segunda estrada importantíssima foi a de ferro inaugurada em 1880 quando Serrinha ainda era vila cortando outro trecho da localidade também na linha Leste-Oeste numa nova área o que provocou uma mudança radical daí vindo surgir, com o passar dos anos, e no correr da linha do trem os bairros: Cruzeiro, Bomba, Treze, Matadouro, Caseb e Vista Alegre. Os três primeiros têm uma ligação direta com a construção da estrada de ferro, onde inclusive, foram citados.

Na década de 1930 chegaram as estradas de rodagens para automóveis, ocorrendo então, novas mudanças. A estrada mais importante foi a Transnordestina, implantada no governo de Getúlio Vargas (1933) de Fortaleza a Feira de Santana. Desta forma a cidade de Água Fria (a quem Serrinha já esteve subordinada juridicamente) é isolada.

Uma estrada carroçável municipal foi aberta nesta mesa época, no governo José Vilalva em direção aos distritos da Barrocas - na direção Oeste e aos distritos Bela Vista, Chapada, etc, na linha Sul, com direção a Coité.

A estrada do Sisal (BR 409), permitiu o surgimento de novos bairros (Rodoviária, URBIS I e II, Parque Santa ae Estádio) a partir de seu próprio, em 1986. Essa estrada parte do Contorno do acesso a Serrinha na direção Sul para Coité, onde foram implantadas a Estação Rodoviária e já havia evidência do Estádio Marianão, desde o governo Roberto Santos (1975/1979).

Se outrora a ferrovia obtinha ímpeto atrativo, o decurso temporal, sobretudo na década de 1950, assistiu ao isolamento estratégico de água Fria, por decisão do governo de JK, privilegiando outros modais de transporte. Enquanto Ferrovia, água Fria detinha um canal de ligação com os municípios de Alagoinhas, Salvador, Serrinha e Juazeiro. A partir do momento que a ferrovia perde sua importância em detrimento de outro modal, o rodoviário, nota-se que o município de Serrinha mantém benefícios em ambos, Ferroviário e Rodoviário.

A intitulada BR-116 Norte, quando duplicada em Serrinha, poderá abrir espaços para surgimento de novos bairros, desde que contorne os bairros Aparecida e Vaquejada pelo Norte e retornando ao leito natural na altura da ligação com Biritinga, BA-233. Se essa duplicação acontecer pela Av Lomanto Jr, hoje, com muitas residências e comércio, será diferente. (Franco, 2023)

A cidade de Serrinha, infelizmente, carece de uma legislação municipal específica para a preservação do seu patrimônio arquitetônico, o que representa uma grave negligência em relação à memória histórica local.

Embora ainda haja tempo para que a Câmara de Vereadores se debruce sobre essa questão urgente, a falta de ação até o momento é lamentável, especialmente considerando que poucos monumentos restam para serem preservados. Um exemplo recente dessa negligência é a transformação de um dos casarões históricos situados na Praça Luiz Nogueira - que outrora hospedou a comitiva de Rui Barbosa e pertenceu à família de Agenor de Freitas - em um depósito de bebidas.

Na Praça Luiz Nogueira, que compõe o sítio histórico principal, diversos casarões já foram destruídos, como o casarão de São Coutinho, na esquina da Estação; o casarão onde residia Dr. Waldemar, que deu lugar à sede do Bradesco; e o casarão do coronel José Cordeiro de Almeida, substituído por uma casa comercial. O antigo Cine Teatro Comercial, agora uma loja de calçados, e outras casas comerciais que se transformaram em prédios modernos também exemplificam essa perda contínua.

Se não houver uma intervenção urgente por parte da Prefeitura e da Câmara, corre-se o risco de que o antigo Paço Municipal também seja demolido para dar lugar a um empreendimento comercial, como um supermercado. Ainda há tempo para evitar essa tragédia patrimonial e salvar os edifícios que ainda restam.

A recente demolição do casarão que pertenceu a Séo Leobino Ribeiro, ao lado da Igreja Matriz, e do prédio da 1ª Igreja Batista, na Rua Pinheiro da Mota, são exemplos alarmantes da deterioração do patrimônio histórico de Serrinha. Se não houver ação imediata, o pouco que resta da memória arquitetônica da cidade poderá ser perdido para sempre.

4. AGRADECIMENTOS

Os cordiais agradecimentos são direcionados ao orientador e autor Prof. Dr. Carlos Nássaro Araújo da Paixão, pelo acolhimento e convite destinado a participação da autora no projeto Serrinha e seu Patrimônio Arquitetônico em Perspectiva Histórica como discente bolsista, bem como incentivo e orientação valiosa ao longo do processo de confecção de cartilha, pela paciência, dedicação e confiança prestado do início ao fim do projeto; Ao servidor e Bibliotecário Documentalista Ricardo Santos do Carmo Reis, por todo apoio teórico e prático prestado, bem como maiores burocratizações para que este material possa, de fato, existir, ser documentado e reconhecido, não ignorando e esquecendo o fato de se mostrar amigo e presente durante o período acadêmico da discente bolsista; Ao Servidor e intérprete de Libras, José Alexandre, que orientou a confecção deste material em sua gênese nos parâmetros de estética e funcionalidade; A professora Anadeje Câmpelo, por disponibilizar de sua tese de mestrado como subsídio para utilização como fonte e referência do presente material; A Prof. Dr. Maria Auxiliadôra Freitas dos Santos pela responsabilidade prestada na Coordenação de Extensão durante o período de vigência do projeto; Ao Programa PIBIEX JÚNIOR e PROEX, sua coordenação, secretaria, professores, pela oportunidade e subsídio financeiro para que o andamento da pesquisa e confecção desta cartilha fossem possível; Por fim, a todos aqueles que tiveram algum tipo de participação, direta ou indiretamente, na realização deste trabalho, seja por um apoio, indicação de fonte ou incentivo.

5. SOBRE OS AUTORES



Carlos Nássaro Araújo da Paixão

Graduado em Licenciatura Plena em História pela UNEB ; Mestre em História pela UNEB; Doutor em História: Linguagem e Sociedade pela UESB; Professor Efetivo da Educação Básica, Técnica e Tecnológica no Instituto Federal Baiano, Campus Serrinha.

Email: carlos.hyst@gmail.com



Sarah Catarina Ferreira Santos Nogueira

Discente Bolsista pelo PIBIX Júnior, egressa do curso de Agroecologia Integrado ao Ensino Médio pelo Instituto Federal Baiano Campus Serrinha; Premiada na primeira colocação da categoria Artes Cênicas no Festival de Arte e Música do Instituto Federal Baiano (FAMIF 2023), com o melhor quantitativo de nota dentre todas as apresentações e categorias dos 14 campi e reitoria.

Email: sarahcatarina06@gmail.com

IF BAIANO SERRINHA

SERRINHA, BA

2024

6. REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CÂMPELO, Anadeje França. **Sociabilidade e Desenho Urbano na Praça Luís Nogueira em Serrinha, Bahia**. Dissertação (Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade) - Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, p. 110, 2020.

FRANCO, Tasso. **Serrinha: A colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia**. Editora Ojuobá/ALBA, Salvador, 2008.

FRANCO, Tasso. **A História dos Bairros de Serrinha**. 1ª Edição. Editora Ojuobá, Salvador, 2023.

FRANCO, Tasso. **O último apito do trem na estação da Leste em Serrinha**. Bahia Já, 2015. Disponível em: <<https://bahiaja.com.br/cultura/noticia/2015/07/10/o-ultimo-apito-do-trem-na-estacao-da-leste-em-serrinha-p-tasso-franco,83507,0.html>>.

Acesso em 25 jul. 2024.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

IPHAN. Disponível: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>>. Acessado em 30/07/2023.

NOGUEIRA, Rubem. **O Homem e o Muro (memórias políticas e outras)**. São Paulo: Edições GRD, 1997.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História.** São Paulo, Dez. 1993.

PAIXÃO, Carlos Nássaro Araújo da. **Traços da Cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949).** Dissertação de Mestrado. UNEB. Santo Antônio de Jesus-BA, 2009.

SILVA, Jorge Luiz da. **Escola Graciliano de Freitas Meu Primeiro Espaço Cultural.** Sistema Jolusi de comunicação. Disponível em: <<https://sjc1954.wordpress.com/2020/06/15/escola-graciliano-de-freitas-meu-primeiro-espaco-cultural/>>. Acesso em 15 jul. 2024.

SILVA, Kalina Vanderlei.; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo: Contexto, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SERRINHA E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

ISBN n° 978-65-01-12333-2

COORDENADOR

Carlos Nássaro Araújo da Paixão

AUTORES

Carlos Nássaro Araújo da Paixão
Sarah Catarina Ferreira Santos Nogueira

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Sarah Catarina Ferreira Santos Nogueira

REVISÃO

Carlos Nássaro Araújo da Paixão

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Sarah Catarina Ferreira Santos Nogueira
Anadeje França Câmpelo
Museu Pró Memória de Serrinha

REALIZAÇÃO:







Agosto de 2024. Edição única.



INSTITUTO FEDERAL
Baiano
Campus Serrinha

Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Baiano -
Campus Serrinha